

# USOS E CONSUMO DE MEIOS DIGITAIS ENTRE PARTICIPANTES DE *WEBLOGS*<sup>1</sup>

## *uma proposta metodológica*

Adriana Braga<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este artigo apresenta aspectos da metodologia desenvolvida em um estudo que investigou as interações comunicacionais ocorrentes no ambiente social de Internet estabelecido em torno de um weblog dedicado ao tema da maternidade contemporânea, chamado Mothern. A metodologia utilizada apóia-se em alguns conceitos da interação social e das teorias da enunciação, a partir da técnica etnográfica e análise do discurso, além de alguns dados quantitativos complementares. Destaco nesta proposta a maneira pela qual a elaboração metodológica constituiu-se a partir do modo de apropriação, do consumo e usos concretos desta tecnologia de comunicação pelas participantes do grupo observado, a configurar um aparato produtivo para a interpretação e análise das interações ocorrentes em weblogs.*

**Palavras-Chave:** *metodologia; netnografia; comunicação mediada por computador (CMC); interação social.*

---

## Introdução

Fala-se de novos arranjos sociais nos quais as mídias têm lugar de destaque, fala-se em uma sociedade da informação. Mídias de vulto, até então dominantes, têm sido eclipsadas, envelhecidas; outras, revitalizadas, reinventadas pelas tecnologias de comunicação que se apresentam, a proporcionar novas formas sociais de apropriação das mídias. Outros protocolos de interação são desenvolvidos. Gentilezas, conflitos, afetos, despedidas, e outras formas de sociação (SIMMEL, 1983) são reconfiguradas, transmutadas pela técnica.

A introdução das tecnologias computacionais no período recente apresentou substantivas alterações nas práticas e processos comunicativos. Uma geração de analistas apresentou uma série de argumentos para o exame desses novos ambientes midiáticos,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, usos e consumo midiático,” do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação - Unisinos/RS – [adrianabraga1@yahoo.com.br](mailto:adrianabraga1@yahoo.com.br)

demonstrando não raras vezes a deficiência de uma avaliação determinista e monolítica dos arranjos sociais conseqüentes. Entretanto, as apropriações e usos concretos dos novos recursos técnicos disponíveis dão emergência a outras negociações e partilhamento de sentidos, configurações identitárias e rearticulações de significados. A inserção do computador pessoal ligado à rede mundial de computadores tem reconfigurado modos de tratar velhas questões. Os protocolos interacionais e os mecanismos de construção e consumo identitários apresentados por estes fenômenos requerem maneiras apropriadas para interpretá-los. Sem querer especular sobre o impacto dessas tecnologias na comunicação humana, esta reflexão visa colocar em questão alguns modos de investigar academicamente os usos sociais do ambiente digital.

Nas relações interpessoais face a face, por telefone e assim por diante, as pessoas sabem como agir visando causar/sustentar determinada impressão no interior de seu grupo de convivência cotidiana. Mesmo que nenhuma regra esteja formalmente codificada, existe uma regulação tácita que cria expectativas de práticas sociais entre os indivíduos. A comunicação mediada por computador (CMC), pela novidade que apresenta, demanda dos/as participantes das interações neste contexto uma certa improvisação diante de situações ainda não vivenciadas. Sendo assim, busca-se adaptar modelos de outros contextos de interação para experimentar e ao mesmo tempo criar as regras que regularão as relações ocorrentes neste ambiente específico. De modo correlato, como esse novo ambiente social exige dos/as participantes das trocas ali ocorrentes adequações e improvisações para lidar com situações ainda não vividas, é demandado também do/a analista combinações e adequações de métodos elaborados para outros contextos relacionais no tratamento desses materiais específicos.

O exame das práticas comunicacionais estabelecidas na ambiência proporcionada pela Internet apresentam um grande desafio metodológico. Um primeiro ponto importante que deve estar no horizonte metodológico da pesquisa diz respeito ao momento histórico em que ela se realiza. O processo de interação social ocorrente no interior dos ambientes proporcionados pela Internet é recente, e parte de estratégias individuais e grupais não herdadas, mas adquiridas por apropriação e adaptação de regras já estabelecidas, próprias de outros contextos relacionais (BRAGA, 2001). Tais estratégias vão sendo aplicadas caso a

caso, atendendo a demandas situacionais, anteriores a uma codificação formal explícita ou mesmo tácita, que se consolidará depois da sedimentação de uma cultura da atividade *online*.<sup>3</sup>

Este artigo apresenta aspectos da metodologia desenvolvida ao longo de um estudo, concluído em 2006, que investigou as interações comunicacionais ocorrentes a partir do ambiente social de Internet estabelecido em torno do Livro de Visitas (LV) de um *weblog* dedicado ao tema da maternidade contemporânea, chamado *Mothern*.<sup>4</sup> A metodologia utilizada, descrita em detalhes no que se segue, combina várias técnicas de pesquisa e foi elaborada a partir do modo de apropriação, do consumo e usos concretos desta tecnologia de comunicação pelas participantes do grupo observado.

### **Netnografia: possibilidades e limites**

A noção de sociabilidade, originalmente desenvolvida por Simmel (1983), é amplamente utilizada por pesquisadores/as de mídia no trato com objetos de pesquisa oriundos dos ambientes tecnológicos informacionais da comunicação, gerando discussões e algumas contradições conceituais. Se por um lado, o espaço virtual pode oferecer ampla liberdade de expressão, por outro, necessita de regras que possibilitem a convivência coletiva – que, no caso da CMC, encontram-se em fase de gestação. Sendo assim, os padrões de interação verbal praticados nesses ambientes não deixam de estar submetidos ao controle social das/os participantes da interação. A possibilidade de anonimato e outras características da rede pode funcionar como facilitador para laços sociais afáveis, bem como para hostilidade e desrespeito. Grande parte das listas de discussão se definem como abertas a novos/as participantes. Muitas vezes, entretanto, recém-chegados/as são ignorados/as por não apresentarem o perfil esperado pelo grupo principal, condição para acolhimento e pertencimento. É possível perceber muitas ocorrências em que a falta de afinidade de um/a

---

<sup>3</sup> Como exemplo, pode-se pensar na “netiqueta,” protocolo básico de boas maneiras em ambientes *online*.

<sup>4</sup> Algumas definições: os *weblogs* se caracterizam como uma espécie de *website* no qual o/a autor/a disponibiliza um conteúdo marcado por seu estilo pessoal, atualizado constantemente. Os conteúdos têm a forma de *posts*: textos breves, datados, relatando experiências, em geral, na primeira pessoa. Existem *weblogs* tratando de assuntos os mais variados, desde relatos pessoais, ficcionais, jornalísticos, poéticos, de opinião, etc. A maioria dos *weblogs* disponibiliza espaço para interação com visitantes, através de um *link*, espaço de interação onde os/as visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a e com os/as demais visitantes.

participante recém-chegado/a com a proposta do ambiente em questão, muitas vezes é respondida com reações que vão do ostracismo à agressividade.

Correntemente, pesquisadores/as que investigam interações sociais na Internet não costumam dedicar maior atenção à discussão dos procedimentos metodológicos empregados para sustentar as análises. Entretanto, pensar as dinâmicas culturais ocorrentes no contexto da Internet implica uma reflexão prévia sobre as especificidades desse campo empírico, angulada pelas questões que a problematização da investigação suscita. O método etnográfico pode ser pertinente e operativo, apesar de muitas vezes demandar a complementação de outros aportes teórico-metodológicos.

No seu clássico livro *A Interpretação das Culturas*, de 1973, Clifford Geertz se posiciona entre aqueles que se preocupam com a limitação, com a especificação do conceito de cultura, visando reduzi-lo a uma dimensão justa que garanta a continuação de sua pertinência. Na tentativa de definir o fazer etnográfico, Geertz deixa claro que para além da técnica, que inclui selecionar informantes, mapear campos, transcrever textos, manter um diário, etc., o mais característico é a chamada “descrição densa.” A noção de descrição densa foi utilizada de forma inaugural por Gilbert Ryle (1968) em uma conferência sobre a descrição do pensar como ação. Para Ryle, existem diferentes níveis de densidade em uma descrição. A uma descrição superficial (*thin description*), que percebe somente um nível de sentido para uma dada ação – aquele que pode ser captado por uma câmara –, ele opõe a possibilidade de uma descrição densa (*thick description*), na qual é interpretada a circulação dos sentidos relacionados a um dado fenômeno.

Entre o que Ryle definiu como descrição superficial e descrição densa estaria o objeto da etnografia, uma estratificação hierárquica de estruturas significantes. A análise seria optar entre as diferentes “estruturas de significação” (GEERTZ, 1978, p. 19) e, a partir daí, determinar sua importância e base social. O/a etnógrafo/a, assim, se depara com múltiplas estruturas conceituais complexas, sobrepostas, interligadas, ao mesmo tempo irregulares, que precisam ser apreendidas e apresentadas.

Considerando a cultura nesses termos, a experiência pessoal da etnografia seria o situar-se no seu interior a fim de realizar seu empreendimento científico: a formulação da base na qual o/a pesquisador/a imagina estar situado tendo como um de seus objetivos

contribuir para o alargamento do universo do discurso humano. Assim, acredito que a técnica etnográfica, por seu investimento na experiência do/a pesquisador/a como fonte de dados, se constitui num aporte teórico promissor para lidar com objetos de pesquisa oriundos da CMC, o que, evidentemente implica em aprofundamento teórico, impregnação dos dados de campo e, possivelmente, diálogo interdisciplinar com pesquisadores/as ligados/as a esse método na sua acepção mais tradicional.

A técnica etnográfica foi concebida e historicamente aplicada a grupos sociais em interação face a face com o/a etnógrafo/a, que fazia da sistematização de sua experiência uma das fontes de dados. A aplicação de técnicas de inspiração etnográfica, investindo em observação direta para coleta de dados e registros de diário de campo, seleção de informantes para aplicação de entrevistas abertas e participação nas atividades do grupo pesquisado busca, através da inspeção dos acontecimentos e seus sistemas de símbolos, a compreensão de sua “lógica informal, que articula as formas culturais” (GEERTZ, 1978, p. 27). Nesse ambiente de interlocução, uma análise interpretativa do fluxo do discurso ali ocorrente buscaria explorar a teia de sentidos deste a partir de uma postura de estranhamento, resultante da reflexividade solicitada para o rigor do relato, de caráter sempre incompleto e objetável. O modo peculiar de interação ocorrente na CMC é de alguma forma uma novidade, que traz desafios metodológicos à aplicação desta tradicional técnica de pesquisa, tornando necessário ajustar alguns pressupostos da etnografia a esse novo objeto, de que somos testemunhas e agentes em sua confecção.

O neologismo “netnografia” (*nethnography* = *net* + *ethnography*) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores.”<sup>5</sup> O estudo em questão testava novos equipamentos para o desenvolvimento de uma biblioteca digital da Universidade de Illinois, parte de um projeto de maior escala para o desenvolvimento de tecnologias de base para uma infra-estrutura de informação global. O objetivo era ainda entender o uso (tanto factual quanto virtual) a partir de um número de pontos de vista, e em uma larga escala crescente.

---

<sup>5</sup> O mesmo termo foi empregado por Sá (2002), embora o artigo não pretenda aprofundar o debate metodológico acerca da transposição da técnica etnográfica ao meio digital.

A apropriação da técnica etnográfica, entretanto, suscitou-me uma questão epistemológica na direção do avanço na reflexão sobre os métodos para lidar com os objetos emergentes da Internet. Em termos metodológicos, a etnografia se funda na noção de observação participante, visto ser impossível, em situações face a face, uma observação não-participante. Ora, os ambientes interacionais da CMC caracterizam-se pela ausência física das/os visitantes, sendo possível tornar-se “invisível”.<sup>6</sup> Sendo assim, seria possível apreender a cultura de um grupo sem participar dele, somente observando? Seria possível uma “observação não-participante?”

Parece ser impossível observar sem participar, ou seja, esta também seria uma forma de participação. Entretanto, interessa que, definitivamente, trata-se de uma participação muito peculiar, na medida em que é possível para o/a pesquisador/a tornar-se invisível, ou seja, ver sem ser visto/a, não interferindo em princípio na dinâmica da interação observada, embora deva-se levar em conta a possibilidade do *lurker* já estar contida na própria enunciação dos/as participantes. É essa participação (mesmo que invisível) no grupo que irá viabilizar a apreensão de aspectos daquela cultura possibilitando a elaboração posterior de uma descrição densa, que demanda uma compreensão detalhada dos significados compartilhados por seus membros e da rede de significação em questão.

A condição que possibilita o ofício do/a etnógrafo/a é a imersão e a experiência da efetiva participação no ambiente pesquisado. Este ofício inclui participar, observar, descrever: categorias que formam a unidade do fazer etnográfico. A observação participante *online* é uma participação peculiar na medida que, em termos de presença/ausência, a informação acerca da presença do/a observador/a no *setting* não está disponível às/aos demais participantes.<sup>7</sup>

Dois pesquisadores ingleses, a partir de uma problematização em torno das particularidades da interação em um ambiente baseado em texto, o *newsgroup* RumCom.local, e, tendo optado pela técnica etnográfica como método, relacionam as vantagens da aplicação da técnica no ambiente *online*.

---

<sup>6</sup> Tal prática é denominada *lurking*, literalmente, “ficar à espreita.”

<sup>7</sup> Mesmo que a presença de *lurkers* possa ser inferida através da discrepância entre o número de acessos em relação ao número de comentários registrados, bem como pela possibilidade de identificação dos provedores de origem dos comentários oferecida pelos contadores do *site*.

Etnografia *online* é certamente um sonho do pesquisador. Ela não implica em deixar o conforto de seu escritório; não há complexos privilégios de acesso para negociar; dados de campo podem ser facilmente gravados e salvos para análise posterior; um grande montante de informação pode ser coletado rapidamente e sem custos.<sup>8</sup> (RUTTER & SMITH, 2002a, p.3)

Rutter e Smith (2002a) não se reconhecem como tendo praticado uma observação-participante, pelo menos não como convencionalmente entendida. Eles afirmam ter muito mais observado que participado, o que os levou a problematizar a própria noção de “ambiente de pesquisa” (*research setting*) (2002a, p. 4). Os autores alertam para a importância de o/a pesquisador/a estar atento a respeito de *onde* estamos estudando como etnógrafos/as eletrônicos, na medida em que, como em uma ligação telefônica, as relações estabelecidas na rede são definidas por atos de interação e comunicação, considerando que não há um “lugar” no universo virtual para além da metáfora (RUTTER & SMITH, 2002a).

Uma outra ponderação pertinente na abordagem de tais materiais diz respeito às implicações éticas que envolvem. Em um ambiente físico, a simples presença do/a etnógrafo/a se coloca como um aspecto a ser negociado em campo, enquanto que a “net presença” (AGRE, 1994) se apresenta como algo turvo, indistinto (BARNES, 2004). Com relação à etnografia tradicional, autores como Winkin (1998), por exemplo, defendem radicalmente a clareza do/a etnógrafo/a sobre sua identidade de pesquisador/a em situações de campo e uma razoável abertura a respeito de sua agenda de pesquisa. O fato é que a relação entre presença e ausência tem implicações específicas para a pesquisa na Internet.

Apresento estas questões com relação à prática etnográfica em ambientes *online* por entender que, desde o início dos anos 1990, pesquisadores/as que lidam com as CMC ao redor do mundo estão não apenas analisando, mas participando do desenvolvimento de métodos emergentes de constituição de identidades, comunidades e interação (RUTTER & SMITH, 2002a).

---

<sup>8</sup> Tradução pessoal. No original: “...online ethnography is surely a reseearcher’s dream. It does not involve leaving the comforts of your office desk; there are no complex access privileges to negotiate; fields data can be easily recorded and saved for later analysis; large amounts of information can be collected quickly and inexpensively.”

## A perspectiva etnometodológica

Ao contrário dos/as autores/as que apresentam a introdução da tecnologia computacional recente como tendo um efeito radicalmente transformador da sociedade, para Greiffenhagen e Watson (2005) as atividades *online* são transformações ou complementos de atividades *não-online* e raramente são substituições ou inteiramente sem precedentes. No estudo das ações sociais, os autores tratam do sentido dessas ações – para os membros – como sendo situada e prática, ou seja, envolve um âmbito de considerações práticas para o uso, o que Schutz (1962) chama de “atitude da vida cotidiana.” Tais atividades são caracterizadas mais por sua natureza prática que teórica. Assim, os autores ressaltam a necessidade de proceder através de análise empírica baseada caso a caso.

Da perspectiva da etnometodologia, o próprio uso do termo “comunicação mediada por computador” para designar um tópico de pesquisa, implica em alguns perigos: o termo ‘CMC’ sugere que o foco dos/as participantes da atividade referida será sempre na comunicação, como se a comunicação fosse sempre empreendida para seu próprio fim e não constituinte de atividades práticas mais amplas; o termo ainda sugere que a ‘CMC’ seja um fenômeno simples, auto-contido e não parte de um complexo de atividades, que podem apresentar sobreposições e similaridades sem serem idênticas. Por isso é importante examinar instâncias “localmente-situadas” de uso da CMC, fenômeno que não pode ser interpretado através de uma descrição teórica global e abstrata (GREIFFENHAGEN & WATSON, 2005).

Em termos metodológicos, a etnometodologia trabalha com a noção de “exigência singular de adequação.”<sup>9</sup> uma competência exigida do/a analista na atividade concernida. A competência comum na atividade sob exame pode evitar que o/a analista descreva as atividades dos membros de forma estipulativa ou focalize nas vicissitudes do/a novato/a. Ou seja, o que é corriqueiro para participantes de uma interação específica pode parecer ‘estranho’ para um/a observador/a pouco competente no campo do fenômeno.

Os autores reconhecem a capacidade de alguns estudos etnográficos em preservar as orientações dos/as participantes, entretanto consideram a utilização do vídeo como condição *sine qua non* para os estudos da CMC. Sem defender o uso deste recurso como uma

---

<sup>9</sup> Tradução pessoal. No original: *unique adequacy requirement*.

panacéia, apontam algumas vantagens com relação à observação de campo: preservar o caráter interacional, naturalmente-ocorrente dos *settings* sociais; preservar as orientações intersubjetivas dos/as participantes no *setting*; e permitir uma transcrição e análise dos dados exaustiva e detalhada através de assistências repetidas (GREIFFENHAGEN & WATSON, 2005).

Os *logfiles*, produzidos através da própria tecnologia da CMC, muito freqüentemente são tomados como ‘os’ dados da pesquisa, facilitando consideravelmente os problemas de coleta de material para análise, como argumentado por Miller (1995), por exemplo. Entretanto, Greiffenhagen e Watson apontam os perigos desta opção metodológica. Os *logfiles* apresentam uma vista aérea da interação geral, ou seja, um ponto de vista típico do/a analista, não do/a participante da CMC, uma instância corrente, em processo, além de perder a possibilidade de capturar como os/as participantes estabelecem aquela interação ao longo do tempo. O uso do computador está implicado em outras atividades mais amplas da vida cotidiana, a comunicação estabelecida por esse meio pode ter outro objetivo além da comunicação em si, desta forma a dependência exclusiva dos *logfiles* envolve uma descontextualização que arrisca não permitir que o fenômeno seja percebido propriamente. Assim, há uma preferência dos/as analistas de tratar os *logfiles* como se fossem independentes e priorizar apenas os seus conteúdos, desconsiderando assim as especificidades da CMC.

## **Uma proposta metodológica**

As possibilidades e limitações das abordagens apontadas acima evidenciam a necessidade de, a cada pesquisa, desenvolver uma composição de técnicas que resulta, em cada caso, em um aparato metodológico específico – naquilo que Becker (1993) denomina “multimétodo.”

As opções metodológicas aqui explicitadas buscaram dar conta de um aspecto particular de um fenômeno midiático – o *weblog Mothern* no contexto da Internet. A Internet, como meio de comunicação, trouxe uma série de alterações na configuração do campo das mídias, não apenas redefinindo os meios tradicionais, mas criando e ampliando contextos de

interação social, que são apropriados por novos sujeitos enunciadore de diversas maneiras, a partir de protocolos e lógicas de interação específicas. No que respeita aos conteúdos, entendo que o processo de articulação de significados que institui o feminino no contexto midiático repousa sobre matrizes culturais dinâmicas, que encontram no contexto dos ambientes de Internet uma nova versão, uma atualização: objeto deste estudo.

Participantes da CMC conduzem suas atividades tendo como modelo recursos de várias práticas comunicacionais anteriores, sendo assim passíveis de ser analisados por aportes teóricos fornecidos por outras escolas – a complementar o trabalho etnográfico. Neste caso, o uso e consumo desta mídia específica pelas participantes do grupo observado forneceu elementos para a composição do aparato metodológico elaborado.

No caso do *weblog Mothern*, a exemplo de muitos outros na rede mundial, é possível constatar a recorrência da formação de um circuito comunicativo que inclui a reunião e dispersão de participantes afins nas várias estruturas do ambiente midiático digital, com troca intensa de *links* e arquivos de texto, som e imagem, uso de mídias complementares que ultrapassam as fronteiras digitais, como telefone fixo, celular, correio, torpedo, câmaras fotográficas digitais etc. e encontros presenciais *offline*. A formação deste percurso comunicativo, que denominei “circuito-blogue,” aponta para a pertinência da combinação metodológica proposta neste artigo como um modelo promissor para as análises das interações ocorrentes nos *weblogs*.

\* \* \*

Na construção teórica e metodológica para esta análise, alguns conceitos procedentes de contextos e escolas diferentes, tornam-se operacionais para a investigação. Para os fins deste estudo, considero que dois destes conceitos estão intimamente articulados, a saber, “interação social” (GOFFMAN, 1967; 1999) e “enunciação” (BENVENISTE, 1989). Estes conceitos foram produzidos em contextos distintos. A noção de interação social foi pensada no âmbito da Escola de Chicago, visando a dar conta dos processos de trocas simbólicas entre os/as participantes de uma situação social; o conceito de enunciação refere-se a uma dimensão descritiva dos modos através dos quais se elaboram discursos. O desafio a que me propus foi pensar como essas noções se articulam para que se institua a feminilidade proposta no ambiente do *weblog* em questão.

Na intenção de estabelecer uma compreensão mais sistemática sobre a complexa interação comunicativa originada a partir do ambiente *Mothern*, dividi o processo de análise em dois eixos. Primeiramente, apresentei alguns aspectos interacionais do material discursivo em estudo. Estabeleci uma espécie de categorização formal, uma caracterização da ordem da interação no circuito-blogue, de modo a proporcionar uma compreensão sobre o objeto da pesquisa, um mapeamento da especificidade da comunicação ocorrente a partir do Livro de Visitas, centrada nos aspectos interacionais. Em seguida, privilegiei os aspectos temáticos do fluxo discursivo, questões de conteúdo que se destacaram no conjunto dos dados.

O contexto discursivo do LV do *Mothern* pode ser pensado como um *front* de lutas por definições de realidade em relação às mulheres, e nessa “transação de falas” (MOULLAUD, 1997) que produz os sentidos, significados de toda ordem disputam espaço de legitimidade. No entrecruzamento de pressupostos feministas, cultura de consumo, saberes tradicionais, ideais de movimentos sociais organizados e relações históricas de poder, definições da feminilidade são propostas, negociadas e transformadas no âmbito da constituição desses discursos. Este tipo de operação discursiva constituiu um dos aspectos analisados neste estudo.

\* \* \*

O objeto de pesquisa a que essa reflexão se refere exigiu alguns procedimentos metodológicos que o circunscrevessem. Sobre esse universo maior que é a Internet na sua totalidade, considerei uma fração que reúne um conjunto de *weblogs* que tratam tematicamente a questão da feminilidade e maternidade. Entretanto, a entrada em contato com o material constituinte dos dados não se deu de forma indistinta. O *weblog* não foi trabalhado como um todo, mas a partir de algumas estruturas e dados complementares:<sup>10</sup> i) o conteúdo discursivo do LV, tomado como ponto de partida do percurso analítico (estendendo-se para os *posts*, outros *weblogs* relacionados e comunidade do *Orkut*) e que forneceu pistas para a obtenção dos outros dados, ii) transcrições de entrevistas com informantes selecionadas e iii) relatos de campo obtidos a partir da participação em encontros

---

<sup>10</sup> A constatação da limitação dos comentários oriundos do LV como fonte exclusiva de dados conduziu a dinâmica da aplicação metodológica deste estudo em atividades para além da base de dados da Internet. Nas Ciências Sociais, todo/a pesquisador/a compartilha a natureza do objeto, e a situação de pesquisa é sempre uma situação social. Desta forma, fui levada a complementar o trabalho com dados da participação em encontros presenciais e entrevistas pessoais com informantes conhecidas nestas situações.

presenciais. O processo comunicacional ocorrente no ambiente de Internet *Mothern* e suas adjacências (*weblogs* e comunidades relativas) realiza, sob a forma de discursos constituintes de uma interação comunicacional, que opera uma teia de envios e re-envios para outros ambientes da rede, uma atualização do campo discursivo dos significados sociais da feminilidade.

Por sobre os elementos mais palpáveis do *weblog* – os *posts*, *links*, *layout* e *LV* – é possível perceber o que poderia ser chamado de uma “teoria” do *Mothern*, um conjunto de princípios, valores e interpretações sobre os eventos. Negociações de sentido realizadas por interações comunicativas de modo dinâmico, que negociam os termos de uma certa feminilidade moderna a partir de perspectivas e métodos práticos de enfrentamento de situações concretas e posicionamentos das/os participantes da interação. Estas perspectivas e posições são afirmadas e registradas através de discursos que se materializam em textos escritos, principalmente no contexto do *LV*. Os trabalhos sobre os discursos pressupõem que estes já trazem em si “marcas” que revelam aspectos do funcionamento do sistema social e da cultura dentro da qual foram gerados, ainda que, muitas vezes, o/a enunciator/a não tenha a intenção (FAUSTO NETO, 1991).

Assim, fragmentos de definições da feminilidade aparecem como tópicos de debate nos discursos do *LV*, seguidos de outros posicionamentos relativos, estruturando o que chamei de *thread* definido por Rutter e Smith como um conjunto de “três ou mais *postings* para um *newsgroup* por duas ou mais pessoas orientadas para um único tópico” (RUTTER & SMITH, 2002b, p. 8). A organização por *threads* como unidade de análise da interação entre participantes é uma possibilidade metodológica que resulta produtiva. Assim, considero importante buscar, além da diversidade dos conteúdos apresentados no ambiente interacional do *LV*, “os princípios estruturantes que fornecem ordem em meio ao fluxo” (SMITH, 2004, p. 51). A estipulação dos *threads*, a observação de sua duração, frequência e conteúdos para a futura organização e exame desses dados em seu conjunto demonstram grande potencial analítico. É no confronto entre posições manifestas ao longo dos *threads* que a negociação social dos sentidos da realidade ocorre, tanto na ordem do discurso quanto na ordem da interação. O *thread*, assim, se mostra como resultante de um duplo ordenamento: sujeito à ordem do discurso (na sua dimensão política de negociação de significados), e à ordem da interação (na sua dinâmica de apresentação do *self* das/os

participantes). Desta maneira, acredito que a articulação entre enunciação e interação social resultou produtiva para operacionalizar a análise deste complexo processo midiático.

A aplicação de modelos concebidos especificamente para outros contextos relacionais por pesquisadores/as dos ambientes digitais, como a conversação natural oral-auditiva, por exemplo, tem tido implicações desastrosas nas análises da CMC. É evidente que aspectos da conversação podem ser identificados na comunicação estabelecida *online*, entretanto aspectos de outras instâncias, como da escritura de cartas e ofícios, dos telefonemas, do *walkie-talkie*, do bip, do bilhete, por exemplo, também podem ser identificados nessas comunicações. Sendo assim, tais modelos devem ser usados de modo cuidadoso, caso a caso, como uma possível base entre outras guiadas pelo uso específico, sob o risco dos desvios do modelo de base nos fluxos comunicacionais triviais entre os/as participantes serem interpretados como “confusos,” “interruptivos,” etc. por se apoiarem em um modelo que não considera as especificidades da CMC.

### **Para finalizar**

A perspectiva etnográfica parece constituir-se em um aporte promissor para o estudo empírico das atividades da CMC, uma vez que se tomem alguns cuidados nessa apropriação. Afinal, essas práticas sociais emergentes apresentam características peculiares, que demandam uma mediação considerável para com as regras tradicionais do método etnográfico. Em particular, destacaria o cuidado necessário com a tentação de uma mera transposição não-problemática dos pressupostos da observação participante com relação às atividades *online*, uma vez que na Internet, é possível uma ‘observação não-participante,’ por exemplo. Outro risco consiste em assumir que a atividade *online* ocorre somente *online*, e que todos os fatos a serem analisados estão disponíveis em *logfiles*, facilmente acessíveis e armazenáveis.

O modelo metodológico proposto neste artigo apóia-se em alguns conceitos da interação social e das teorias da enunciação, a partir da técnica etnográfica e análise do discurso, além de alguns dados quantitativos complementares. Assinalo nesta proposta a maneira pela qual a elaboração metodológica constituiu-se a partir do modo de apropriação,

do consumo e usos concretos desta tecnologia de comunicação pelas participantes do grupo observado, a configurar um aparato produtivo para a análise de interações ocorrentes em *weblogs*.

Se por um lado, o arquivo disponibilizado pela tecnologia da Internet em *logfiles* parece oferecer “tudo” o que se passa nas atividades da CMC, o que parece minimizar ou até mesmo resolver os problemas de coleta de dados, por outro, a utilização deste recurso como *única* fonte de dados pode tirar a oportunidade do/a analista de perceber os sentidos intersubjetivamente partilhados pelo grupo em exame. Estas atividades são conduzidas por recursos vários em combinações específicas para cada caso de uso e consumo, demandando sempre uma combinação de técnicas de análise para cada caso em foco.

## Referências Bibliográficas

- AGRE, Phil. "Net Presence", *Computer-Mediated Communication Magazine*, 1-4. <http://www.december.com/cmc/mag/1994/aug/presence.html>, 1994.
- BARNES, Susan. "Goffman and the Internet: Applying Goffman's concepts to Online Communication". Paper presented at IAMCR Conference. Porto Alegre, PUCRS, 2004.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, Hucitec, 1993.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas, Pontes, 1989.
- BISHOP, A.P., STAR, S.L., NEUMANN, L., IGNACIO, E., SANDUSKY, R.J., & SCHATZ, B. (1995). "[Building a university digital library: Understanding implications for academic institutions and their constituencies.](#)" In *Higher Education and the NII: From vision to reality*. Proceedings of the Monterey Conference, Sept. 26-29, 1995. Washington, DC: Coalition for Networked Information.
- BRAGA, José Luiz. "A Busca do Sentido das Utopias Cibercomunitárias." In: *Revista Fronteiras* (3/2) pp. 151-158. São Leopoldo, PPGCC/Unisinos, dez/2001.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem**. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: Essays in Face-to-Face Behavior**. Garden City, Doubleday, 1967.
- \_\_\_\_\_. **A Representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.
- GREIFFENHAGEN, Christian. & WATSON, Rod. "'Teoria' e 'Método' na CMC: identidade, gênero, e tomada-de-turno – uma abordagem etnometodológica e analítico-conversacional". In: BRAGA, Adriana. (org.) **CMC, Identidades e Gênero: teoria e método**. Covilhã/Portugal, Editora da UBI, 2005.
- MOUILLAUD, Maurice. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília, Paralelo 15, 1997.
- MILLER, Hugh. "The Presentation of Self in Electronic Life: Goffman on the Internet." Paper presented at Embodied Knowledge and Virtual Space Conference. University of London, 1995.
- RUTTER, Jason and SMITH, Greg. "Ethnographic Presence in Nebulous Settings: A Case Study." Paper presented at ESRC Virtual Methods Seminar Series. Brunel University, 2002a.
- \_\_\_\_\_. "Spinning Threads: Rituals of Sociability in CMC." Disponível em: [http://les.man.ac.uk/cric/Jason\\_Rutter/papers](http://les.man.ac.uk/cric/Jason_Rutter/papers), 2002b.
- RYLE, Gilbert. "The thinking of thoughts – What is 'Le Penseur' doing?" in: *University Lectures Series, 18*, University of Saskatchewan, 1968.
- SÁ, Simone P. "Netnografias nas redes digitais." In: AIDAR PRADO, J. L. (org.) **Crítica das Práticas Midiáticas**. São Paulo, Hacker Editores, 2002.
- SCHUTZ, Alfred. **Collected Papers**. The Hague, M. Nijhoff, 1962.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.
- SMITH, Greg. "Instantâneos 'sub specie aeternitatis': Simmel, Goffman e a sociologia formal." In: GASTALDO, É. (org.) **Erving Goffman, desbravador do cotidiano**. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2004.
- WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação – da teoria ao trabalho de campo**. Campinas, Papyrus, 1998.